

As Pessoas, a Educação e o Futuro: reflexões num mundo de incertezas

Rodrigo Regert¹
Joel Haroldo Baade²
Ludimar Pegoraro³

RESUMO

As Pessoas, a Educação e o Futuro são temáticas que permeiam a vida do cidadão, uma vez que o conhecimento tido como capaz de resolver as incertezas nem sempre é totalmente confiável. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo compreender o significado desses termos, utilizando como pressuposto teórico o Quinto dos “Sete Saberes necessários à Educação do Futuro” de Edgar Morin. No aspecto metodológico, a pesquisa foi de natureza básica; utilizamos o método descritivo; e da forma bibliográfica como procedimento técnico. Concluímos que, para a formação cidadã das pessoas ocorrer de forma eficaz, é necessário enfrentar as incertezas dentro de um mundo incerto. Para isso, a análise interdisciplinar dentro desse mundo incerto é fator essencial para a superação das incertezas, pois o conhecimento é inacabado e está em constante mudança.

Palavras-Chave: Educação. Futuro. Incerteza. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A educação e o futuro são temáticas importantes para o desenvolvimento das pessoas. Analisando isso, dentro do contexto histórico, a educação surgiu com o próprio desenvolvimento do intelecto humano, quando o ser humano passou a compreender a realidade em que vivia de maneira racional e não mais mitológica.

Desse modo, a educação foi constituída por diferentes pressupostos teóricos que se consolidaram no decorrer da história, voltada para a formação futura das pessoas em cada momento histórico.

Nesse sentido, na Idade Antiga, a preocupação central da educação era a humanização das pessoas, ou seja, permitir que os mesmos assumissem a sua identidade enquanto seres humanos. Essa ideia fica clara na máxima de Sócrates quando ele diz: “Conhece-te a ti mesmo” (SCHINEIDER, 2009, p. 87).

1 Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Mestre em Educação pela Universidad Tecnologica Intercontinental (UTIC). Docente da UNIARP. E-mail: regert.rodrigo@gmail.com

2 Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e do Programa Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). E-mail: baadejoel@gmail.com.

3 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFRS), professor e coordenador do Programa de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade e docente do Mestrado Profissional em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador/SC. E-mail: pegoraro1963@hotmail.com

Na Idade Média, o foco central da educação mudou, e esta passou a acordar com os dogmas religiosos. Os alunos se moldavam de acordo com o pensamento conservador da época e a educação estava em consonância com os dogmas da Igreja Católica (PEREIRA, 2018).

Dando sequência, na Idade Moderna a educação tem função mais crítica e faz com que as pessoas reflitam sobre as coisas a sua volta, sem a suposta influência exercida pela religião.

Essa temática ganhou espaço, ainda, na Idade Contemporânea, em que muitos teóricos se preocuparam com isso, entre eles, Edgar Morin, que escreveu a pedido da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), uma obra chamada: “Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro”. A preocupação era de dimensionar o tipo de educação necessária para o século XXI, a educação do futuro. Diante disso, para ele, os sete saberes necessários para essa educação são: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; e a ética do gênero humano (MORIN, 2007).

Dentre esses saberes, optamos por abordar o quinto, enfrentar as incertezas. Sobre esse saber o próprio Morin (2007, p. 16) nos traz uma importante reflexão ao afirmar que: “as ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas igualmente revelaram, ao longo do século XX, inúmeras zonas de incerteza. A educação deveria incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências [...]”.

Por isso, optamos por abordar esse saber, uma vez que estamos diante de um contexto cheio de incertezas no mundo atual, e cabe à educação se reinventar continuamente. Além do mais, esse saber contempla melhor o objetivo do presente artigo que é, compreender o significado da educação do futuro.

Diante disso, dividimos o artigo em três partes: na primeira mencionamos a ideia da educação do futuro e as incertezas da ação; na segunda, indicamos a possibilidade de aprender a enfrentar as incertezas e na terceira e última, fizemos alusão sobre o imprevisível da ação.

No aspecto metodológico, a pesquisa foi de natureza básica, pois não houve a intenção de aplicar as reflexões feitas, e sim, apenas torná-las possíveis. Da mesma forma, utilizamos o método descritivo, uma vez que visamos estabelecer ou descobrir a existência de relações para permitir a descrição sobre a temática. Por fim, o procedimento técnico deu-se de forma bibliográfica, onde buscamos o embasamento teórico em alguns pensadores conceituados que abordam a temática, como em livros, artigos e outros.

2 A EDUCAÇÃO DO FUTURO MEDIANTE AS INCERTEZAS DA AÇÃO

É claro que “ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes, que é a de estarmos prontos para o inesperado” (MORIN, 2007, p. 79). O maior exemplo disso é o século XX, que foi marcado por uma crença demasiada num futuro progressivo e, no entanto, descobriu-se a própria perda do futuro, a sua imprevisibilidade, ou seja, a história humana foi e continua sendo uma aventura desconhecida (MORIN, 2007).

A aventura do próprio conhecimento é uma busca incessante pelo novo ou desconhecido, que nunca é tido de uma só forma e de um só jeito, por ter um enfoque interdisciplinar que envolve as

áreas de “história, sociologia, filosofia, geografia, antropologia, economia, comunicação, ecologia/ambiental” (RIAL; TOMIELLO; RAFFAELLI, 2010, p. 153).

Sem essa amplitude não é possível conhecer o novo como realmente ele é e, pois, cada vez mais a sociedade estar envolta de mudanças tão grandes e repentinas, a própria ideia de progresso é incerta.

As civilizações tradicionais viviam na certeza de um tempo cíclico cujo funcionamento devia ser assegurado por sacrifícios às vezes humanos. A civilização moderna viveu com a certeza do progresso histórico. A tomada de consciência da incerteza histórica acontece hoje com a destruição do mito do progresso. O progresso é certamente possível, mas é incerto. A isso acrescenta-se todas as incertezas devido à velocidade e à aceleração dos processos complexos e aleatórios de nossa era planetária, que nem a mente humana, nem um supercomputador, nem um demônio de Laplace poderiam abarcar (MORIN, 2007, p. 80).

Com isso, cabe à educação alertar as pessoas para essas mudanças e complexidades existentes, desenvolvendo a consciência crítica que é integrada com a realidade, enquanto a ingênua se sobrepõe à realidade, ou seja, julga saber tudo e gera acomodação, ajustamento e adaptação (FREIRE, 1975).

A mudança está associada à ideia de movimento. Do mesmo modo, na Idade Antiga, Platão já afirmava que tudo está se movendo, tudo muda, e por isso, a educação se torna um problema para a compreensão dos homens e mulheres, pois, não é estável e necessita de modificação constante (SEVERINO, 1994).

Nesse contexto, Morin (2007) menciona que o próprio surgimento do novo, portanto, não pode ser previsto, senão não seria o novo e, da mesma forma, uma criação jamais pode ser conhecida por antecipação, senão não seria criação. Com isso, fica evidente que, por mais que homens e mulheres acreditem que sabem sobre o futuro, o mesmo é incerto, senão não seria o futuro e é isso que acaba gerando a evolução, na medida em que ele se apresenta.

Por isso, pode-se dizer que “toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o” (MORIN, 2007, p. 82).

De acordo com Japiassú e Marcondes (2006, p. 98), a evolução tem vários aspectos, mas um deles se encaixa no sentido proposto: “é uma integração de matéria durante a qual esta passa de uma homogeneidade indefinida, incoerente, para uma heterogeneidade definida, coerente”, primeiro desorganiza para depois reorganizar novamente.

Dentro deste contexto, Morin (2007) menciona que não existem apenas evoluções, ou ainda inovações e criações, existem também destruições, que por sua vez podem trazer novos desenvolvimentos, por isso, a história não apresenta uma evolução linear, ela é cheia de imprevistos e incertezas que comportam a sua própria evolução.

Desse modo, Nery (2009) reforça a ideia de que é necessário que o aluno entenda de forma crítica o seu cotidiano para que haja a construção de uma consciência crítica e questionadora acerca da realidade, entendendo como a própria história se apresenta.

Na realidade, “a história é um complexo de ordem, desordem e organização” (MORIN, 2007, p. 83), por isso, a humanidade vive uma aventura incerta, assim como o próprio cosmos que se apresenta

como um acidente. No entanto, é necessário enfrentar as incertezas e ir à busca do verdadeiro conhecimento, em que a educação desempenha um papel essencial.

Por isso, “quem empobrece a educação colhe junto à insatisfação da população algo ainda pior: a renitência” (KASSEL; HOYER, 2005, p. 190). Por renitência é possível entender teimosia ou ainda oposição.

3 APRENDENDO A ENFRENTAR AS INCERTEZAS

Tendo em vista que os seres humanos são rodeados de incertezas, é importante que os mesmos aprendam a lidar com elas, o que os leva a uma nova aventura, que as enfrente e se volte para o conhecimento, uma vez que as mudanças são cada vez mais constantes (MORIN, 2007).

Por mudança, Johnson (1997) entende sendo alterações nas características culturais, estruturais, demográficas ou ecológicas no modo de pensar e conhecer de uma sociedade. Assim como a educação na Idade Antiga era entendida com algo dinâmico, na Idade Média fica evidente essa dinamicidade com a mudança na capacidade de pensar e conhecer a sociedade, uma vez que a educação passou a ser influenciada fortemente pelo pensamento religioso, sendo o professor o detentor do saber e o único mantenedor da ordem e da disciplina (PEREIRA, 2018).

Destarte, a educação do futuro deve se voltar para as incertezas que estão ligadas ao conhecimento e não influenciada por dogmas religiosos. Portanto, eis quatro princípios básicos que dão alicerce a busca do conhecimento e a superação de suas incertezas:

Um princípio de incerteza cérebro-mental, que decorre do processo de tradução/reconstrução próprio a todo conhecimento.

Um princípio de incerteza lógica: como dizia Pascal muito claramente, “Nem a contradição é sinal de falsidade, nem a não-contradição [sic] é sinal de verdade. ”

Um princípio de incerteza racional, já que a racionalidade, se não mantém autocrítica vigilante, cai na racionalização.

Um princípio de incerteza psicológica: existe a impossibilidade de ser totalmente consciente do que se passa na maquinaria de nossa mente, que conversa sempre algo de fundamentalmente inconsciente. Existe, portanto, a dificuldade do autoexame crítico, para o qual nossa sinceridade não é garantia de certeza, e existem limites para qualquer autoconhecimento (MORIN, 2007, p. 84-85).

Esses princípios mostram a fragilidade das pessoas em relação ao processo de aquisição do conhecimento. Isto posto, os professores e a sociedade devem “rever as metas que a educação deve chegar, pois os objetivos devem ser claros e funcionais, no sentido de despertar interesse e preocupação, e não ter como fim a preparação profissional” (SCHENEIDER, 2009, p. 43).

É imperativo pensar que adulto que se quer e, nesse sentido, cabe ao educador “sentir-se responsável pelo mundo, descrevê-lo tal como é, assumir-lhe a realidade” (CANIVEZ, 1991, p. 142).

Canivez (1991, p. 147) ainda menciona que a educação “deve ter um valor e uma finalidade em si, independentemente de sua utilidade para alguém ou para uma coisa. Supõe também uma comunidade de seres iguais enquanto livres e racionais”.

Não basta à educação apenas preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, mas também preparar para enfrentar as incertezas do mundo e para a própria condição de ser cidadão responsável e consciente da sua condição terrena.

Isso nem sempre é simples, pois as ideias não refletem e nem traduzem a realidade, fazendo com que a realidade dos indivíduos não seja outra senão a própria ideia que fazem dela, por isso se torna necessário saber interpretar a realidade antes de reconhecer onde está o realismo (MORIN, 2007).

Morin (2007) alerta sobre as incertezas contidas no próprio conhecimento que influencia na ação dos indivíduos, pois de modo geral, sempre que se age toma-se uma decisão ou se faz uma escolha. Por isso, essa ação é também uma aposta, e em toda aposta existe um risco de incerteza.

Nesse sentido, Blaise Pascal afirmava que:

O homem é um ser miserável, um “nada do ponto de vista do infinito universo, um tudo do ponto de vista do nada, isto é, um meio-termo entre o nada e o tudo”. Ele é incapaz de atingir a verdade, pois a razão humana é constantemente enganada pela imaginação ou outras “potências enganadoras”. Sua única esperança é Deus: ele tem tudo a ganhar apostando na existência Dele. É o famoso argumento da aposta (BRASIL ESCOLA, 2016).

Pascal, com isso, parece afirmar que toda ação está voltada a uma aposta, sempre arriscada, independentemente de qualquer coisa, seja racional ou até mesmo irracional, dado por meio da própria crença.

De modo geral, para Morin (2007), a grande incerteza da ação, mediante a aposta a ser enfrentada, é a ecologia da ação, que compreende três princípios: o circuito risco/precaução, o circuito fins/meios e o circuito ação/contexto.

O primeiro circuito se refere ao risco e à precaução. O risco está voltado à ideia de que “existe o perigo de acontecer alguma coisa imprevista e indesejável [...]” (LACOMBE, 2004, p. 276), enquanto a precaução está voltada à ideia do cuidado que se deve ter na tomada de ação. Por isso ambos devem ser pensados juntos na tomada da decisão.

O segundo circuito se refere aos fins e aos meios. De acordo com Morin (2007, p. 88), “os meios e os fins inter-retro-agem uns sobre os outros”. A influência é recíproca e depende basicamente da finalidade que se tem para utilizar os meios mais adequados.

Assim funciona também na escola, por isso “é necessário que haja uma transformação das práticas pedagógicas na sala de aula” (NÓVOA, 2002, p. 60).

Por último, o terceiro circuito está voltado para a ação e o contexto. “Toda ação escapa à vontade de seu autor quando entra no jogo das inter-retro-ações do meio que intervém. [...] A ação não corre apenas o risco do fracasso, mas de desvio ou de perversão de seu sentido inicial” (MORIN, 2007, p. 88-89).

Com isso, sempre que o cidadão agir, o contexto dos outros pode muitas vezes não ser bem entendido e determinadas ações podem, inclusive, se voltar a ele mesmo, pois as experiências individuais sempre são diferentes e têm conotações distintas.

O homem age porque tem gosto por um certo tipo de comunidade, porque escolhe entre uma forma de existência e de vida em comum em que a liberdade, confrontada pela ação, corresponde a uma verdadeira experiência (CANIVEZ, 1991, p. 155).

Por conseguinte, a verdade está muito ligada às experiências que os cidadãos têm, em que constroem seu mundo e a sua realidade muitas vezes no anonimato e de forma passiva.

4 O IMPREVISÍVEL DA AÇÃO

O imprevisível é algo aterrorizante, pois “pode-se, com certeza, considerar ou calcular os efeitos em curto prazo de uma ação, mas seus efeitos em longo prazo são imprevisíveis” (MORIN, 2007, p. 89).

Assim como no início da Idade Moderna, cuja ideia de educação já havia sido reestruturada, pensadores como Erasmo de Rotterdam, acreditavam que o homem poderia moldar-se pela educação, ou seja, o homem pode escolher construir conhecimento ou não, sendo da responsabilidade de cada um a ação desenvolvida (SCHNEIDER, 2009).

No entanto, nenhuma ação está segura de ocorrer conforme o sentido de sua intenção, por isso, há efetivamente dois meios para enfrentar a incerteza da ação, o primeiro é consciente e está contido na aposta da decisão, o segundo recorre à estratégia (MORIN, 2007).

De acordo com Lacombe (2004), a decisão é sempre uma escolha que se faz entre duas ou mais alternativas e, por isso, raramente é perfeita, pois envolve sempre um risco.

A estratégia, de acordo com Chiavenato (2003), não está relacionada a tomar decisões sobre o futuro, mas sim a tomar decisões tendo em mente o futuro, ou seja, não é um fim em si mesmo, mas apenas um meio, ela não dá certezas, mas aponta a probabilidade com relação ao futuro.

A estratégia deve sempre prevalecer ao programa. O Programa “é parte de um plano, abrangendo desdobramentos específicos” (LACOMBE, 2004, p. 254). Dessa forma, a estratégia é sempre mais ampla e visa o todo, enquanto o programa é uma das partes desse todo.

Nestas condições, para Morin (2007, p. 90), “a estratégia pode e deve muitas vezes estabelecer compromissos”. É necessário que a escola se volte cada vez mais aos seus alunos/as e os auxilie, uma vez que, para estabelecer compromissos é necessário estar consciente deles e saber de fato o que são.

Mediante o exposto, fica claro que na Idade Contemporânea e sobretudo nos tempos hodiernos, uma das funções do professor e da professora está em guiar e orientar os discentes da melhor forma possível, procurando sempre desenvolver nos mesmos o senso crítico e uma cidadania ativa, vindo exatamente de encontro sobre o que se pensava que era o seu papel na Idade Moderna.

Nesse sentido, Perrenoud (2000) afirma que o educador deve ter dez grandes características para ser um profissional competente:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem.
2. Administrar a progressão das aprendizagens.
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação.
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho.
5. Trabalhar em equipe.
6. Participar da administração da escola.

7. Informar e envolver os pais.
8. Utilizar as novas tecnologias.
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.
10. Administrar sua própria formação contínua (PERRENOUD, 2000, p. 14).

De acordo com Perrenoud (2000), as dez grandes características de um bom profissional na área da educação podem ser entendidas da seguinte maneira:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem significa conhecer os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem. Trabalhar a partir das representações dos alunos e a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem.

2. Administrar a progressão das aprendizagens significa conceber e administrar situações-problemas ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, adquirir uma visão longitudinal dos objetivos do ensino. Estabelecer laços com as teorias e as atividades de aprendizagem.

3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação significa administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma. Abrir, ampliar a gestão de classe, fornecendo apoio integrado. Trabalhar com alunos de grandes dificuldades.

4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho significa suscitar o desejo de aprender, instigar o interesse, explicitar a relação com o saber, simplificá-la, abrir-se para o sentido do trabalho escolar, desenvolvendo no estudante a capacidade de autoavaliação.

5. Trabalhar em equipe significa saber elaborar um projeto em equipe, com representações comuns, envolver os demais colegas educadores. Dirigir um grupo de trabalho, ser um líder, conduzir reuniões, esforçar-se, formar e renovar uma equipe pedagógica.

6. Participar da administração da escola é o mesmo que elaborar, administrar, coordenar, organizar, negociar um projeto da instituição, incentivar a participação dos alunos e criar competências para trabalhar.

7. Informar e envolver os pais é o mesmo que dirigir reuniões de informação, debate, fazer entrevistas e envolvê-los na construção dos saberes. É importante que eles participem e se sintam membros, parte da escola, bem como, auxiliem sempre seus filhos em todos os momentos.

8. Utilizar novas tecnologias significa implantar a informática na escola, utilizar editores de texto, explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino. Comunicar-se a distância por meio da telemática, utilizando ferramentas de multimídia no ensino e desenvolver competências fundamentadas em uma cultura tecnológica.

9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão é o mesmo que prevenir a violência na escola e fora dela, lutando contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais. O profissional da educação deve saber lidar com todos os tipos de diferenças existentes, sejam elas quais forem.

10. Administrar a própria formação contínua é saber explicitar as próprias práticas, estabelecendo seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua. É necessário dar

conta das suas debilidades e procurar aprimorar-se sempre. Atualizar-se é imprescindível nessa difícil profissão, sem isso não é possível acompanhar as mudanças dos jovens.

Na verdade, essas dez características que o docente necessita ter, vão além da sua própria compreensão, porque ele precisa compreender que a sua formação é essencial para o entendimento de como o processo educativo ocorre, e de que forma ele precisa agir para que isso realmente aconteça, ou seja, qual é o seu papel.

Desse modo, o docente precisa estar ciente de que existem muitas versões sobre o conceito dos mundos físicos, sociais e internos, ou seja, das coisas que cada um vivencia (MERRELL, 2006). Porém, todos eles são baseados em diferentes tempos e contextos particulares; um bom profissional da educação deve ter conhecimento das dez características mencionada, exatamente para evitar a possibilidade de equívocos.

O docente necessita ter o olhar instigante e a consciência crítica do filósofo, pois “a filosofia, nas sociedades civilizadas, determina os processos educacionais e contribui na formação da imagem do homem e do mundo” (PAVIANI, 2008, p. 5).

Com isso, pode-se afirmar que:

O docente não define a prática, mas sim o papel que aí ocupa; é através da sua actuação [sic] que se difundem e concretizam as múltiplas determinações provenientes dos contextos em que participa (NÓVOA, et al, 1995, p. 74).

Nesse interim, a educação vai avançando aos poucos, na medida que cada educador vai definindo o seu papel e atuando dentro do contexto em que o mesmo se insere, permitindo ao aluno ser cada vez mais livre.

Educar a razão implica aprender a pensar e a agir a partir de si mesmo. Esse aprendizado dirige-se, em última instância, à educação prático-moral, que trata da formação do homem a respeito de sua liberdade. Ela visa seres que ajam livremente – que tenham capacidade para pensar e agir de forma autônoma – e tenham dignidade (CENCI, 2008, p. 242).

O educador tem a função de educar a razão para que a mesma possa ser cada vez mais livre, dentro, é claro, de uma conduta prático-moral, onde a autonomia desenvolvida pelo aluno seja capaz de respeitar a liberdade de todos.

Ainda segundo Perrenoud (2000), os professores não devem se transformar em psicoterapeutas, mas sim realizar essas competências de forma mais individualizadas, com métodos clínicos e instrumentos conceituais diferentes que possam ajudá-lo a gerir um grupo.

É por meio do conhecimento interdisciplinar que ele passa a ter uma visão holística, para realmente entender como se pode adquirir o verdadeiro conhecimento, para depois poder trabalhar e transmitir sua compreensão a respeito dos desafios a serem encarados, bem como quais as estratégias a serem seguidas, visando dar respostas às incertezas da ação.

Assim, a resposta às incertezas da ação é constituída pela escolha refletida de uma decisão, a consciência da aposta, a elaboração de uma estratégia que leve em conta as complexidades inerentes às próprias finalidades, que possa se modificar durante a ação em função dos imprevistos, infor-

mações, mudanças de contexto e que possa considerar o eventual torpedeamento da ação, que teria tomado uma direção nociva (MORIN, 2007, p. 91).

O pensamento deve, portanto, estar atento para enfrentar as incertezas, e para isso o cidadão consciente precisa ter uma atuação ativa na sociedade, já que ele está mais preparado para correr os riscos, uma vez que todas as oportunidades e ações tomadas acarretam riscos.

Nesse sentido, Canivez (1991) menciona que a cidadania, inicialmente, está ligada à ideia de pertencer a um Estado, mas na verdade está ligada diretamente à ideia de inserção do indivíduo em sua comunidade.

Na atualidade, o cidadão necessita mais do que tudo estar atento ao seu mundo, pois, de modo geral, a comunidade a que ele pertence vai além de fronteiras territoriais, abraça o mundo como um todo. Isso fica claro na Agenda 2030⁴, onde se observa uma preocupação clara com o Desenvolvimento Sustentável Global, através de 17 objetivos globais (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2017).

De acordo com Santos et al (2015, p. 1508), “As relações sociais permitem compreender que o cuidar do outro é também cuidar de si”; o cidadão necessita ter compreensão da grandeza que é ser e estar no mundo e as relações que isso implica.

4 Preâmbulo

Esta Agenda é um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Ela também busca fortalecer a paz universal com mais liberdade. Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Todos os países e todas as partes interessadas, atuando em parceria colaborativa, implementarão este plano. Estamos decididos a libertar a raça humana da tirania da pobreza e da penúria e a curar e proteger o nosso planeta. Estamos determinados a tomar as medidas ousadas e transformadoras que são urgentemente necessárias para direcionar o mundo para um caminho sustentável e resiliente. Ao embarcarmos nesta jornada coletiva, comprometemo-nos que ninguém seja deixado para trás.

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas que estamos anunciando hoje demonstram a escala e a ambição desta nova Agenda universal. Eles se constroem sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e concluirão o que estes não conseguiram alcançar. Eles buscam concretizar os direitos humanos de todos e alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas. Eles são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.

Os Objetivos e metas estimularão a ação para os próximos 15 anos em áreas de importância crucial para a humanidade e para o planeta.

Objetivos

Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;

Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;

Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;

Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;

Objetivo 6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;

Objetivo 7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos;

Objetivo 8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;

Objetivo 9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação;

Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;

Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;

Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis;

Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos;

Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento

A escola precisa ser um espaço aberto e com presença forte das comunidades locais e gerais, que permitem aos professores redefinirem o próprio sentido social que seu trabalho tem (NÓVOA, 2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano vive em um mundo cheio de complexidades e cada vez mais incerto. Quanto mais se conhece, mais se percebe a necessidade de obter mais conhecimento.

O conhecimento é importante, pois possibilita uma entrega e a aceitação do novo, livre de paradigmas direcionados e muitas vezes incertos, mas passado como única fonte de conhecimento.

A busca pelo verdadeiro mais livre de incertezas ganha na educação um grande aliado. A educação é o que possibilita as pessoas uma formação crítica a respeito da realidade, como também a atuação cidadã, por meio de uma ação interdisciplinar que extrapola uma especificidade apenas, em busca da superação das incertezas.

Nesse sentido, a educação do futuro deve se voltar necessariamente a formação cidadã do ser humano com um olhar interdisciplinar, pois sem isso, a criticidade desaparece e como consequência a verdade também, uma vez que ela parece ser o pressuposto para qualquer forma de conhecimento dialógico.

Por fim, para entender os significados dos termos, educação e futuro, é necessário remeter-se a formação cidadã das pessoas. Para que a educação ocorra de forma mais eficaz, necessitamos enfrentar as incertezas dentro de um mundo incerto, em que o professor passa a ter um papel fundamental, pois sem o conhecimento interdisciplinar se torna mais difícil a superação das incertezas, uma vez que o conhecimento é inacabado e está em constante mudança.

sustentável;

Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;

Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;

Objetivo 17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2017).

People, education and the future: reflections in a world of uncertainties

ABSTRACT

People, Education and the Future are themes that permeate the life of the citizen, since knowledge that is supposed to be capable of solving uncertainties is not always totally reliable. In this sense, the purpose of this article is to understand the meaning of these terms, using as theoretical presupposition the Fifth of the “Seven Knowledges Necessary to the Education of the Future” by Edgar Morin. In the methodological aspect, the research was of a basic nature; the descriptive method was used; and the bibliographic form as technical procedure. It was concluded that, for the people’s formation as citizens to take place effectively, it is necessary to face the uncertainties within an uncertain world. For this, interdisciplinary analysis within this uncertain world is an essential factor for overcoming uncertainties, because knowledge is unfinished and is constantly changing.

Keywords: Education. Future. Uncertainty. Knowledge.

REFERÊNCIAS

BRASIL ESCOLA. **Os Pensamentos de Blaise Pascal**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/os-pensamentos-blaise-pascal.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

CENCI, Angelo V. Educação e Ética: Aproximações a partir das propostas educativas de Aristóteles e Kant. In: DALBOSCO, Cláudio A.; CASAGRANDA, Edison A.; MUHL, Eldon H. (orgs). **Filosofia e Pedagogia: Aspectos Históricos e Temáticos**. Campinas: Autores Associados, 2008. Cap. 10, p. 233-252.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, S/A, 1975.

PEREIRA, Lucila Conceição. **Infoescola: História da Educação**. Disponível em: <<https://www.info-escola.com/pedagogia/historia-da-educacao/>>. Acesso dia: 24 abr. 2018.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KASSEL, Universitat; HOYER, Timo. Medo da maioria ou como foi justificada a restrição à formação. In: DALBOSCO, Cláudio Almir.; FLICKINGER, Hans-Georg (orgs). **Educação e maioria: dimensões da racionalidade pedagógica**. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ed. Da Universidade de Passo Fundo, 2005. Primeira Parte, p. 180-208.

LACOMBE, Francisco José Masset. **Dicionário de Administração**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MERRELL, Floyd. Lógica e razão, diálogo aberto, tolerância e intolerância. In: FÁVERO, Altair Alberto; DALBOSCO, Cláudio Amir; MARCON, Telmo (orgs.). **Sobre Filosofia e Educação: Racionalidade e Tolerância**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NACÕES UNIDAS NO BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

NERY, Maria Clara Ramos. Tendência progressista da educação e as determinações da estrutura social sobre a educação. In: UNIVERSIDADE LUTERANA NO BRASIL (org.). **Fundamentos da Educação**. Curitiba: Editora Ibpx, 2009. Cap. 9, p. 155-168.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PAVIANI, Jayme. Filosofia e Educação, Filosofia da Educação: Aproximações e distanciamentos. In: DALBOSCO, Cláudio A.; CASAGRANDA, Edison A.; MUHL, Eldon H. (orgs). **Filosofia e Pedagogia: Aspectos Históricos e Temáticos**. Campinas: Autores Associados, 2008. Cap. 2, p. 5-21.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIAL, Carmen; TOMIELLO, Naira; RAFFAELLI, Rafael (orgs.). **A Aventura Interdisciplinar: quinze anos de PPGICH/UFSC**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

SANTOS, Vanice dos, et al. Aspectos éticos na educação ambiental: olhar interdisciplinar visando o bem comum. **Ambientalmente Sustentável**, v. 2, n. 20. p. 1497-1515, 2015. Disponível em: <http://revistas.udc.es/index.php/RAS/article/view/1682/pdf_89>. Acesso em: 27 fev. 2017.

SCHNEIDER, Laíno Alberto. Homem e mundo. In: UNIVERSIDADE LUTERANA NO BRASIL (org.). **Fundamentos da Educação**. Curitiba: Editora Ibex, 2009. Cap. 2, p. 31-47.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994.

BIOGRAFIA

Rodrigo Regert

Licenciado em Filosofia, História e Pedagogia. Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Mestre em Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental (UTIC). Docente da UNIARP. E-mail: regert.rodrigo@gmail.com

Joel Haroldo Baade

Teólogo. Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e do Programa Profissional em Educação da UNIARP. E-mail: baadejoel@gmail.com

Ludimar Pegoraro

Licenciado em Filosofia. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFRS), professor e coordenador do Programa de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade e docente do Mestrado Profissional em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador/SC. E-mail: pegoraro1963@hotmail.com